

humanitas

Vol. LV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LV • MMIII



por vezes ao longo do corpo da obra. São exemplos os números 4, «Livia's Name»; 10, «The Conspiracy of Cornelius Cinna»; 11, «The Celebration of Livia's Marriage»; 13, «The Title Augusta in the Julio-Claudian Period»; 14, «Antonia as Augusta»; e 19, «Agrippina and Livia in AD 28-29».

Livia colmata assim uma lacuna, ainda que dispusessemos de alguns estudos sobre esta figura, que, no entanto, ou se debruçavam essencialmente sobre aspectos iconográficos (e.g., E. Bartman, *Portraits of Livia: Imaging the Imperial Woman in Augustan Rome*, Cambridge, 1999; S. Wood, *Imperial Women. A Study in Public Images, 40 BC-AD 68*, Leiden, 1999) ou se integravam em projectos mais abrangentes (e.g. M.J. Randour, *Figures de femmes romaines dans les Annales de Tacite*, Louvain, 1954). É por isso de louvar a iniciativa de Barrett, pela importância historiográfica que a figura em causa representa, para o domínio da História Política, Social, das Mentalidades ou até, da «recente» História das Mulheres, e por um estudo cuja falta se fazia já sentir. A obra é enriquecida com uma bibliografia quase exaustiva sobre o tema, 29 ilustrações com iconografia essencial da imperatriz, 4 mapas, 2 árvores genealógicas dos ramos da família de Livia, 1 cronologia e índice remissivo.

Nuno Simões Rodrigues

ACTAS DO I SYMPOSIUM CLASSICVM BRACARENSE.

A MITOLOGIA CLÁSSICA E A SUA RECEPÇÃO NA LITERATURA PORTUGUESA,
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, FACULDADE DE FILOSOFIA DE BRAGA, 2000

Depois das Actas do I Congresso Internacional — *Humanismo novilatino e pedagogia: gramática, criações maiores e teatro*, uma edição do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia de Braga, de 1999, o mesmo Centro publicou, em 2000, o volume correspondente às Actas do *I Symposium Classicum Bracarense*.

Como o próprio título indica, este livro reúne as comunicações

apresentadas por um distinto elenco de conferencistas com o objectivo de reflectir sobre a perenidade da cultura clássica, aquela que permanece além dos ventos da opinião e da moda, como recorda o prefácio, assinado pelo Doutor António Maria Martins Melo, coordenador do volume.

O livro conta com a participação de Maria Helena da Rocha Pereira, Victor Jabouille, Manuel Losa, Nair de Nazaré Castro Soares, José Ribeiro Ferreira e Amadeu Torres. Os textos dos dois primeiros autores (“Enigmas em volta do mito” e “Histórias que a memória conta. Os Antigos, os Modernos e a Mitologia Clássica”) reflectem, de modos diferentes, sobre a noção de mito, com uma visão informada, documentada e crítica, sustentada sobre diversos exemplos da mitologia grega e oriental — babilónica, fenícia, sumério-acádia. O primeiro, “Enigmas em volta do mito”, de Maria Helena da Rocha Pereira, estabelece, com um clarividente poder de síntese, uma breve história da complexa evolução deste género de estudos, ou seja, das diversas teorias em volta do mito, dos diversos modos de considerar o mesmo fenómeno, desde Homero, Píndaro, Platão e os Sofistas, até ao contributo das diversas áreas do saber (da História comparada das religiões, da etnologia, da sociologia, da filosofia do conhecimento, da arqueologia, da linguística, da psicologia, entre outras) para o aclarar da noção de mito e da respectiva operacionalidade.

O segundo texto, de Victor Jabouille (“Histórias que a memória conta. Os Antigos, os Modernos e a Mitologia Clássica”) expõe, com extraordinária clareza, uma breve história dos diversos modos de ler os mitos e de os utilizar, desde os filósofos e os próprios poetas da Antiguidade até aos nossos dias, passando pelo Cristianismo nascente, pela Idade Média, o século XVI e o Humanismo, bem como as épocas moderna e contemporânea. Evidenciam-se autores como Luís de Camões e Fernando Pessoa, mas também Boccaccio e Pico della Mirandola, André de Resende, Eça de Queirós, Almeida Garrett, Bernardo Santareno, António José da Silva, Augusto Abelaira, entre outros. Para terminar, o autor mostra ainda diversas formas que actualmente concretizam o interesse pela mitologia clássica no nosso quotidiano, desde as mais simples designações na conversação quotidiana até à literatura e às artes plásticas.

Manuel Losa revisitou o sempre interessante mito de Eros e Psique na narrativa de *O Burro de Ouro* (IV, 28 - VI, 24) de Apuleio, para concluir considerando a fecundidade artística daquele mito, desde a Antiguidade até aos nossos dias, e evocando Fernando Pessoa e o seu poema *Amor e Psique*, publicado em 1942 na revista *Presença*.

O texto de Nair Nazaré Castro Soares, “Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista em Portugal”, tem a particularidade de tratar o tema do mito numa área do saber mais rara entre nós, mas de grande pertinência para o assunto em causa: a produção dramática renascentista. A autora aborda dramaturgos como Buchanan, Aires Vitória, Giorgio Trissino, Giraldo Cinzio, Diogo de Teive, Miguel Venegas, entre outros. O teatro renascentista, de inspiração religiosa ou profana e de intenção pedagógica, está profundamente modelizado pela doutrinação clássica. As próprias personagens bíblicas são tão perfeitamente assimiladas às categorias do humanismo que incarnam verdadeiras personagens senequianas — o autor que mais influenciou os dramaturgos renascentistas. A leitura desta comunicação é um importante meio de auxílio para quem quiser aprofundar o conhecimento do nosso teatro quinhentista, em toda a sua dimensão, formal, ideológica, pedagógica, parenética.

José Ribeiro Ferreira, num texto que revela o profundo conhecimento que possui dos nossos poetas, expôs o tema d’ “O mito de Narciso na poesia contemporânea”, em autores como Sebastião da Gama, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, João Maia, Miguel Torga e Nuno Júdice, entre outros, para concluir que o mito de Narciso não é apenas o símbolo da autocontemplação estéril, mas pode também exprimir a doação aos outros, assim como pode servir de interlocutor do sujeito poético, ou transmitir ainda o esforço da descoberta interior e da introspecção.

Finalmente, na comunicação de Amadeu Torres, “Intertexto clássico e parcimónia mitológica em Frei Heitor Pinto”, encontramos uma deliciosa leitura de Frei Heitor Pinto e da *Imagem da Vida Cristã* à luz das respectivas referências mitológicas. Embora o próprio Frei Heitor Pinto refira, no início da sua obra, mais de 500 citações clássicas, entre

muitas mais retiradas da patrística e da Sagrada Escritura, a conclusão de Amadeu Torres é que existiu realmente alguma parcimónia no emprego mitonímico, se bem que o autor se tenha mostrado um teólogo moralista e asceta cristão nada fundamentalista, antes aberto a todo o contributo positivo e psicagógico da gentildade. Mesmo assim, ali se encontra uma leitura de Orfeu e de Eurídice, de Prometeu, ou dos trabalhos de Hércules. As razões da alegada parcimónia relacionam-se certamente com a necessidade de prevenir os incómodos da Inquisição e do primeiro *Rol dos Livros defesos*, publicado em Lisboa em 1561.

«Se ainda hoje são tão numerosas as abordagens da mitologia e se esta suscita tanto interesse», como escrevia Víctor Jabouille (p. 43) «é porque os mitos continuam activos.» Cumpriu-se assim o grande objectivo do simpósio: reflectir sobre a perenidade da cultura clássica, num dos elementos mais fecundos que a constituem, o mito.

Margarida Miranda

O’NEILL S.I., Charles ; DOMINGUEZ S.I., Joaquín María, dir. - *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús: biográficotemático*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu; Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001. 4 vol.

Depois do rigor historiográfico a que a Companhia de Jesus nos tem habituado na abordagem da sua própria história — com a edição de importantes obras de apurado rigor científico, como a colecção documental dos *Monumenta Historica Societatis Iesu* nas suas diversas séries, ou as histórias da Companhia de Jesus nas diferentes nações, ou ainda a *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, actualmente com 12 volumes, ou a *Bibliographie sur l’Histoire de la Compagnie de Jésus* do P. Lászlo Polgár, em 6 tomos (1981-1990), além da publicação anual de uma bibliografia histórica, na revista *Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI)* — eis que surge enfim uma obra há muito esperada, fruto de um incansável trabalho de centenas de investigadores (cerca de 700): o